

FRUTICULTURA – BANANA

** Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

Guaratuba, cidade litorânea do estado, é um destino de férias para paranaenses e visitantes de estados e países vizinhos. Muitas vezes o olhar permanece nas qualidades do balneário, por outro lado, além das praias, as atividades agropecuárias e pesqueiras têm grande importância na geração de emprego e renda no município.

Algumas regras têm de ser observadas no tocante às atividades agropecuárias, proporcionando uma coexistência pacífica em prol da produção sustentável de alimentos, já que o município integra uma Área de Proteção Ambiental - APA.

Num retrospecto da evolução do Valor Bruto da Produção Agropecuária – VBP -, observa-se a concentração em explorações em cinco produtos de importância econômica na zona rural e no ambiente oceânico, entre 2011 e 2020. A banana, a captura de camarão e pescado marinho, o palmito e o arroz irrigado, contribuíram entre 90,5% e 96,4% nas rendas brutas geradas, dentre outras 75 atividades exploradas no município.

Em dez anos, a banana (\acute{x} =38,5%) e o camarão (\acute{x} =43,6%) responderam ao redor de 80,0% do VBP municipal, sendo os rendimentos do crustáceo superado em duas oportunidades pela banana, em 2017 e 2020.

Guaratuba foi o vigésimo produtor nacional de bananas em 2020 - 1,2% entre 3.412 municípios -, de acordo com a Produção Agrícola Municipal – PAM, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE. Segundo o Censo Agropecuário do mesmo Instituto, em 2017, eram 211 o número de estabelecimentos com a cultura.

No estado, em 2020, a banana foi a segunda fruta em volumes colhidos - 13,9% e 170,9 mil toneladas -, e a quinta em geração de renda bruta - 9,3% e 175,4 milhões, frente a 1,2 milhão de toneladas e 1,9 bilhão do universo da fruticultura paranaense.

O município foi o principal produtor de bananas, com 3,3 mil hectares cultivados que proporcionaram colheitas de 61,9 mil toneladas e VBP de R\$ 63,5 milhões, e responde por 38,5% da área com a fruta e 36,2% das colheitas e do VBP.

E nesta quinta-feira (25), a localidade do Cubatão, polo produtor, sediará um Dia de Campo dedicado à banana, com

Boletim Semanal* – 44/2021 – 25 de novembro de 2021

palestras e atividades práticas, além do concurso “Banana e seus Sabores”.

O evento é organizado pela Prefeitura Municipal, Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná Iapar-Emater (IDR-Paraná) e Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), com apoio das entidades representativas dos agricultores locais: Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Localidade do Cubatão (Aprruc), Associação Pró Agricultura Sustentável de Guaratuba (Apasg) e Associação dos Produtores Rurais da Localidade de Limeira (Aprullil).

A exuberância da Mata Atlântica e as potências em Agro, Eco, Ciclo Turismo e sabores e saberes locais, tendem a emergir esta região de Guaratuba a uma maior visibilidade para os circuitos de Turismo Rural, atraindo visitantes para esta localidade relativamente desconhecida para a maioria dos paranaenses.

FEIJÃO

** Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

De acordo com o Departamento de Economia Rural (DERAL), a área estimada da safra das águas 2021/22 no Paraná é de 140,0 mil hectares, enquanto o volume poderá chegar a 276,1 mil toneladas. O primeiro ciclo da safra atual apresenta um

declínio de 9% na área e crescimento em 7% no volume da produção estimada em relação ao ano anterior. A área plantada até o momento é 99% da área total estimada. Cerca de 82% da área plantada se apresenta em boas condições e 18% em condições médias. O clima em novembro impacta o desenvolvimento da safra com precipitações reduzidas e temperatura elevada. As lavouras se encontram nas seguintes fases: germinação (1%), desenvolvimento vegetativo (37%), floração (42%), frutificação (18%) e maturação (2%).

De acordo com o levantamento do DERAL na semana de 15 a 19 de novembro/21, o preço médio recebido pelos agricultores foi R\$ 253,37/sc de 60 kg para o feijão tipo cores e R\$ 225,48/sc de 60 kg para o tipo preto. O mercado nacional passa por um período de entressafra, e o ano 2020/21 chega ao fim com baixos estoques. A partir deste mês entra no mercado a produção do primeiro ciclo 2021/22, oriunda da região sudoeste de São Paulo.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

Durante as últimas semanas o clima tem favorecido os trabalhos de campo, tanto na colheita quanto no plantio da nova safra de 2021/2022. No entanto, a oferta de

Boletim Semanal* – 44/2021 – 25 de novembro de 2021

matéria-prima para as indústrias de fécula e de farinha mantém-se bastante reduzida e o abastecimento vem sendo complementado com a mandioca de regiões mais distantes. Alguns industriais estão buscando o produto em São Paulo, Mato Grosso do Sul e eventualmente em Minas Gerais. Em função desta situação, o recesso que normalmente se iniciava na segunda quinzena de dezembro poderá ser antecipado para o início do mês.

A reduzida oferta de mandioca, a necessidade de reposição dos estoques de farinha e de fécula de final de ano, e a aproximação da entressafra alavancaram a subida dos preços em todos os segmentos da comercialização. Vale lembrar, ainda, que os altos preços de amido de milho também contribuíram para a valorização da mandioca, da fécula e da farinha, durante este ano. Outro fator não menos importante foi o aumento das exportações de fécula de mandioca ao longo de 2021.

Diante do exposto, a semana de 15 a 19 de novembro registrou valores considerados bastante satisfatórios, em especial aos produtores que receberam em média de R\$ 602,00/t de mandioca posta na indústria. Este preço é 4,5% superior ao do período anterior e cerca de 35% maior em relação a novembro de 2020. A fécula foi

comercializada a R\$ 84,00/sc de 25 kg e a farinha crua por R\$ 128,00/sc de 50 kg. Esses produtos praticamente repetiram os mesmos preços da semana passada.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

O levantamento referente ao mês de novembro apontou que já foram semeados 5,47 milhões de hectares, ou 97% dos 5,62 milhões estimados para a safra 2021/22. A produção estimada para o ciclo é de 20,98 milhões de toneladas. Mesmo com o excesso de chuvas que castigou parte das lavouras do estado no mês de outubro e agora com algumas regiões já precisando de uma maior presença de umidade, a expectativa para a safra é de uma grande produção.

Das lavouras a campo, 95% estão em boas condições, sendo que os demais 5% se encontram em condições médias. Em relação às fases das lavouras, 4% encontram-se em germinação, 86% em desenvolvimento vegetativo e 10% estão em floração.

Em relação à comercialização, até o mês de novembro cerca de 1,72 milhão de toneladas (8%) foram comprometidas pelos produtores paranaenses. No mesmo período do ano passado o volume

Boletim Semanal* – 44/2021 – 25 de novembro de 2021

comercializado era maior, de aproximadamente 8,71 milhões de toneladas, ou 42% do total estimado para a safra à época.

MILHO

**Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

Nesta semana foi divulgado o relatório mensal do DERAL reavaliando a estimativa de área e produção do estado. O relatório apontou que a expectativa de produção subiu e, neste momento, espera-se que a produção atinja 4,2 milhões de toneladas. Esse volume, se confirmado, representa um aumento de 35% quando comparado à safra anterior. Já a estimativa de área plantada é de 430 mil hectares, alta de 15% quando comparada ao ciclo anterior. A produtividade média por hectare esperada no Paraná é de 9.750 quilos, levemente abaixo do recorde, que foi de 10 mil quilos.

A safra, de modo geral, apresenta boas condições gerais, tendo 95% da área em situação boa e, caso mantenham-se as boas condições de clima, é possível superar o recorde histórico de produtividade.

Os preços do cereal apresentaram queda constante nos últimos quatro meses. Em agosto de 2021, o preço recebido pelo produtor pela saca de 60kg girava em torno

de R\$ 94,00. Na última semana, o preço médio da saca fechou em R\$ 76,00, uma queda de 18% quando comparado a agosto. Contudo, os preços ainda são 61% maiores que a média do ano de 2020 e 12,4% maiores que novembro de 2020.

TRIGO

** Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

Manteve-se em 3,2 milhões de toneladas a expectativa de safra de trigo paranaense, mesmo número que o relatório de outubro apontava. Há apenas 1% da área do Paraná ainda a ser colhida, e com isso vai se consolidando uma perda de 20% frente ao potencial que tínhamos quando plantamos uma área de 1,22 milhão de hectares (7% superior a 2020). Apesar das perdas no campo, o avanço dos preços deve manter a rentabilidade e o ânimo dos produtores, trazendo bons sinais para 2022.

Em dezembro, serão divulgados por este Departamento dois indicadores importantes para a definição do futuro próximo da triticultura paranaense: a intenção de plantio de milho safrinha e a atualização dos custos de produção de trigo. Este último tem sido fator de preocupação para os produtores de cereais do Paraná, principalmente em relação aos preços (e disponibilidade) de fertilizantes.

CEVADA

** Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

No mês de novembro, estamos finalizando a colheita da cevada, com 98% da área colhida no estado. Este ano plantamos uma área total de 75.995 hectares, um aumento de 21% na área comparada a 2020. A produção esperada este ano é de 311 mil toneladas.

O núcleo de Guarapuava já está com 98% da área colhida, 100 % dos grãos obtiveram padrão cervejeiro. Nesta região tivemos uma diminuição de 18% na produção comparada com o levantamento inicial, decorrência das geadas e chuvas de granizo que atingiram as lavouras.

O núcleo de Ponta Grossa já encerrou a colheita, com uma produção de 88.000 toneladas, 24% maior que em 2020. Neste ano 50% dos grãos no núcleo de Ponta Grossa não atingiram o padrão cervejeiro, que precisa ter PH acima de 58, umidade máxima de 13% e 95% de poder germinativo. Essa cevada que não atingiu padrão para malte possivelmente irá para ração animal. A perda de qualidade se deve ao excesso de chuvas em outubro, época da colheita do grão, quando algumas regiões do núcleo chegaram a 300 mm de chuva no mês.

Os preços estão atraentes para os produtores. No mês de novembro o valor médio foi de R\$105,00 a saca de 60 kg, preço 35% maior que a média do ano de 2020. Até novembro, 62% de toda a produção já está comercializada.

BATATA

** Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

A área destinada ao cultivo da batata primeiro ciclo é 15,1 mil hectares, declínio de 5% em relação à safra do ano anterior. O volume estimado pode alcançar 459,9 mil toneladas, recuo de 1% em relação à safra passada. A área foi totalmente plantada e 4% da área total estimada já foi colhida.

Os primeiros núcleos regionais que iniciaram a colheita da nova safra são Curitiba e Ponta Grossa. Em torno de 93% da área plantada se apresenta em boas condições e 7% em condições médias. As lavouras se encontram nas fases de: germinação (1%), desenvolvimento vegetativo (37%), frutificação (40%) e maturação (33%).

De acordo com o levantamento do DERAL na semana de 15 a 19 de novembro/21, o preço médio recebido pelos agricultores pela saca de 50 kg da batata foi R\$ 85,00. De acordo com o CEPEA - Centro

Boletim Semanal* – 44/2021 – 25 de novembro de 2021

de Estudos Avançados em Economia Aplicada - o momento é de mais ofertas devido à parada das chuvas e mais áreas disponíveis para a colheita. A desvalorização ocorreu diante do aumento geral na oferta, com a redução das chuvas nas praças produtoras.

PECUÁRIA DE LEITE

** Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Cotações em queda

O ano de 2021 tem mostrado cotações a patamares mais altos para os lácteos a níveis nacionais. Os baixos estoques mundiais dos produtos, os custos de produção em alta e as exportações para China aquecidas têm contribuído para um cenário de preços firmes. Entretanto, de outubro para novembro, quedas nas cotações têm sido observadas.

O início da época de safra do leite com a chegada das chuvas e maior disponibilidade de alimentação para as vacas leiteiras ocasionaram aumento da captação nos principais estados produtores, fator que, juntamente a uma demanda interna enfraquecida, tem levado a uma retração nas cotações.

Cotações paranaenses

No Paraná, devido ao atual cenário exposto acima, as cotações têm apresentado queda. Segundo o DERAL, os preços recebidos pelos produtores pelo litro do leite caíram em 5% na semana entre os dias 15 e 19 de novembro, na comparação com o mês de outubro de 2021.

No mercado varejista, entre os nove produtos lácteos levantados pelo DERAL, cinco apresentaram queda na comparação com o mesmo período: leite longa vida (5%), leite pasteurizado (4,2%), manteiga extra (0,6%), queijo minas frescal (6,5%) e queijo mussarela (7,7%).

Perspectivas

O último trimestre de 2021 ainda reserva um cenário com incertezas e desafios. O início do período de safra, com redução gradual dos preços do leite e um custo de produção elevado, tende a pressionar negativamente as margens do produtor. Os laticínios também têm enfrentado dificuldades para repasses de preços em função de uma demanda enfraquecida. Com isso, observa-se uma queda generalizada nas cotações dos lácteos, com recuo no mercado atacadista, no mercado Spot e ao produtor de leite. Uma

Boletim Semanal* – 44/2021 – 25 de novembro de 2021

sinalização positiva vem do maior controle da Covid-19 e uma retomada mais rápida do setor de serviços, puxado pelo turismo, eventos, escolas, entre outros. Mas o cenário será bastante desafiador neste final de ano para o setor lácteo brasileiro.

APICULTURA

** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva*

Exportação nacional de mel cresce 14,2% em volume e 91,9% em faturamento

Segundo a Agrostat Brasil, de janeiro a outubro de 2021 as agroindústrias da apicultura brasileira exportaram 43.549 toneladas de mel in natura, volume 14,2% maior do que o obtido em igual período de 2020 (38.128 toneladas).

O faturamento em dólares foi de US\$ 149,790 milhões, 91,9% a mais que o valor alcançado em igual período de 2020 (US\$ 78,037 milhões). O preço médio nacional do mel exportado em 2021 atingiu o valor de US\$ 3.439,57/tonelada (US\$ 3,44/Kg), 68,1% a mais que o valor médio de igual período de 2020 (US\$ 2.046,70/tonelada / US\$ 2,02/Kg).

Considerando-se os dez meses de 2021, o Paraná continua na condição de terceiro maior exportador de mel in natura (receita cambial: US\$ 31,217 milhões,

volume: 9.385 toneladas e preço médio: US\$ 3.326,27/tonelada / US\$ 3,33/kg), com crescimento de 13,9% no volume exportado (2020: 8.238 toneladas), 98,2% no faturamento (2020: US\$ 15,748 milhões) e 74,0% no preço médio (2020: US\$ 1.911,67/tonelada / US\$ 1,91/kg).

No acumulado de janeiro a outubro de 2021, o estado do Piauí prossegue destacando-se como maior exportador (US\$ 39,730 milhões, 11.301 toneladas e US\$ 3.513,24/tonelada). Em segundo lugar agora aparece Santa Catarina (US\$ 32,404 milhões, 9.550 toneladas e US\$ 3.393,05/tonelada). Em 4º lugar, continua o estado de São Paulo (US\$ 16,096 milhões, 4.738 toneladas e US\$ 3.397,28/tonelada) e em 5º, Minas Gerais (US\$ 12,339 milhões, 3.520 toneladas e US\$ 3.505,43/tonelada).

O principal destino para o mel brasileiro em 2021 continua sendo os Estados Unidos (com 74,3% de todo volume exportado: 43.549 toneladas): volume de 32.348 toneladas, receita cambial de US\$ 110,840 milhões e preço médio de US\$ 3.426,50/tonelada. Tais números da importação estadunidense em 2021 representam um crescimento de 12,1% sobre o volume exportado em 2020 (28.806

Boletim Semanal* – 44/2021 – 25 de novembro de 2021

toneladas) e de 94,4% sobre o faturamento (US\$ 57,017 milhões).

Dentre os demais principais países destinos do mel brasileiro nos nove meses de 2021, estão (volume, faturamento, preço médio): 2º - Alemanha (4.927 toneladas / US\$ 17,280 milhões / US\$ 3,51/kg), 3º - Canadá (2.148 toneladas / US\$ 7,687 milhões / US\$ 3,58/kg), 4º - Austrália (1.183 toneladas / US\$ 3,868 milhões / US\$ 3,27/kg), 5º - Bélgica (764 toneladas / US\$ 2,580 milhões / US\$ 3,38/kg), 6º - Reino Unido (674 toneladas / US\$ 2.369 milhão / US\$ 3,51/kg), 7º - Países Baixos (629 toneladas / US\$ 2.104 milhão / US\$ 3,35/kg), 8º - Espanha (262 toneladas / US\$ 813.156 / US\$ 3,10/kg), 9º - Panamá (125 toneladas / US\$ 431.791 / US\$ 3,45/kg), e, 10º - Eslováquia (103 toneladas / US\$ 310.139 / US\$ 3,01/kg).

AVICULTURA

** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva*

Custo de produção do frango cresceu R\$ 0,05 em outubro de 2021

Segundo a Embrapa Suínos e Aves (CNPASA), o custo de produção do frango no Paraná em outubro subiu 0,97% sobre o mês anterior (R\$ 5,16/kg), elevando-se para R\$ 5,21/kg.

Em outubro, o ICPFrango foi de 403,13 pontos. O Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) referente a outubro aumentou 0,95% em relação a setembro (393,33 pontos). No ano, o ICPFrango acumulado foi de + 19,67%. Nos últimos 12 meses, a variação foi de + 22,62%.

O custo de produção do quilo do frango de corte vivo no Paraná, produzido em aviário tipo climatizado em pressão positiva, subiu R\$ 0,05/kg em outubro com relação a setembro, passando de R\$ 5,16/kg para R\$ 5,21/kg.

A média de R\$3,47/kg registrada entre janeiro e outubro de 2020, subiu para R\$ 5,05/kg em 2021 - um incremento de 45,5%.

O custo de produção do quilo do frango de corte vivo no Paraná, em 2021, passou dos R\$ 4,58/kg em janeiro, atingiu R\$ 5,27/kg em maio, recuou para R\$ 5,16/kg em junho, voltou a subir para R\$ 5,27/kg, em agosto, retrocedeu novamente em setembro (R\$ 5,16/kg) e subiu para R\$ 5,27/kg em outubro.

Em outubro de 2021, em termos médios, o preço do milho no atacado paranaense valeu de R\$ 92,61/sc 60 kg, uma alta de 16,3% sobre o preço médio de janeiro (R\$ 80,35/sc 60 kg) e 39,6% maior

Boletim Semanal* – 44/2021 – 25 de novembro de 2021

sobre o valor de igual mês de 2020 (R\$ 66,36/sc 60 kg).

Considerando o farelo de soja, em outubro de 2021, o preço médio estadual atingiu R\$ 2.360,97/tonelada, 25,9% menor ao preço praticado em janeiro (R\$ 3.179,87/tonelada) e, também, um preço nominal 13,0% menor que aquele praticado em igual mês de 2020 (R\$ 2.712,25/tonelada).

Nos outros dois estados, principais centros de criação de frangos de corte e produção de carnes, os custos de produção em outubro do ano corrente, foram: Santa Catarina (R\$ 5,12/kg) e Rio Grande do Sul (R\$ 5,31/kg), ambos com alta em relação ao mês anterior, respectivamente de 0,4% (setembro: R\$ 5,10/kg) e 4,3% (setembro: R\$ 5,09/kg).

Já os preços do frango vivo praticados em outubro em tais estados foram: SC (R\$ 3,64/kg) e RS (R\$ 4,09/kg).

No Paraná, em outubro de 2021, a alimentação das aves custou R\$ 3,91/kg, um resultado 0,3% maior em relação a setembro, cujo valor foi de R\$ 3,90/kg, representando 75,05% do total de gastos com a criação de frangos de corte (R\$ 5,21/kg). Quando se compara com o valor de R\$ 3,14/kg dispendido na nutrição

das aves registrado em outubro de 2020, o aumento é de 24,5%.

Em outubro de 2021 o preço médio do frango vivo ao produtor, no Paraná, foi de R\$ 5,91/kg, mesmo preço médio obtido em setembro, porém 27,9% maior sobre janeiro (R\$ 4,62/kg). Já em relação a igual mês de 2020 (R\$ 4,16/kg), o preço ao produtor esteve 42,1% maior.

Ao longo de 2020, o preço médio do frango vivo ao produtor, no Paraná, cresceu 34,5%, situando-se em dezembro de 2020 no valor de R\$ 4,60/kg (janeiro: R\$ 3,42/kg).

Por outro lado, o custo de produção elevou-se 44,5% (janeiro: 3,01/kg) e dezembro (R\$ 4,35/kg), enquanto só o item alimentação cresceu 54,3% (janeiro: R\$ 2,08/kg e dezembro: R\$ 3,21/kg).

Fiquem conectados no DERAL:

<https://www.agricultura.pr.gov.br/>

www.facebook.com/deralseab.pr

https://instagram.com/deral_pr

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!